

FACES DE DIADORIM: O LIMIAR ENTRE O FEMININO E O MASCULINO

FACES OF DIADORIM: THE THRESHOLD BETWEEN THE FEMALE AND THE MASCULINE

Rebeca Soares de Lima¹
Grace Ferreira Leal²

Resumo: O sertão é um dos ambientes mais inóspitos do Brasil, quase que exclusivamente pela falta de água, provocando dificuldades em manter e/ou conservar a abundância e a diversidade de espécies de animais e de vegetais. Sendo assim, a sobrevivência nesse local se torna árdua. Socialmente é colocado que, para uma mulher, resistir nesse ambiente é mais difícil que para um homem, contudo Diadorim, personagem de *Grande sertão: veredas*, revela o contrário. Por mais que, por circunstâncias da vida social, teve de adotar o gênero masculino para entrar no cangaço, ela sobrevive muito bem, destacando-se entre os homens. Nessa perspectiva do sertão, mais especificamente na cultura dos jagunços, as mulheres parecem ser resumidas à reprodução e ao entretenimento, raramente sendo ouvidas em seus desejos e vontades. Contudo, a personagem Diadorim é respeitada por representar a figura masculina, pois é facultado ao homem o direito de ser mais que um corpo sexual e que se diverte. Assim, elege-se o romance *Grande sertão: veredas*, escrito por Guimarães Rosa, como base para analisar, sob o viés psicanalítico, os papéis de gênero feminino e os estereótipos envolvidos nesse tema, pois o que pode ou não um homem ou uma mulher fazer/realizar, existem para serem reavaliados.

Palavras-chave: Feminino. Sertão. Diadorim. Gênero

Abstract: The backlands are one of the most inhospitable environments in Brazil, almost exclusively due to the lack of water, causing difficulties in maintaining and/or conserving the abundance and diversity of animal and plant species. Therefore, survival in this place becomes arduous. Socially, it is said that, for a woman, resisting in this environment is more difficult than for a man, however Diadorim, a character in *Grande sertão: veredas*, reveals the opposite. Even though, due to social life circumstances, she had to adopt the male gender to join the cangaço, she survives very well, standing out among the men. From this perspective of the backlands, more specifically in the culture of the jagunços, women seem to be limited to reproduction and entertainment, rarely being listened to in their desires and desires. However, the character Diadorim is respected for representing the male figure, as men are given the right to be more than a sexual body that has fun. Thus, the novel *Grande sertão: veredas*, written by Guimarães Rosa, is chosen as the basis for analyzing, from a psychoanalytic perspective, female gender roles and the stereotypes involved in this topic, because what can or cannot a man or a woman do/perform, exist to be reevaluated.

Keywords: Feminine. Sertão. Diadorim. Gender.

¹ Professora da Secretaria da Educação do Estado do Amazonas (SEDUC-AM)

E-mail: limarebbecca@gmail.com

Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/6300483606068770>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-1391-4607>

² Professora da Secretaria de Educação de Manaus (SEMED-AM)

E-mail: graceferreiraleal@gmail.com

Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/0355936222592702>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4172-5991>

Introdução

Por todo o mal, que se faz, um dia se repaga, o exato.
(Rosa, 2021, p. 26)

As relações entre os jagunços, descrita na narrativa ficcional de Rosa (2021), tem como palco o sertão. As cenas em *flashback*, narradas pelo personagem Riobaldo, contam os atos e vivências dos jagunços, os quais, de um certo modo, ou estão em batalha ou estão se preparando para ela. Oposto a isso, as relações estabelecidas entre eles são pautadas pela lealdade e ética pessoal, onde como grupo eles podem executar juntos uma vingança pessoal. Segundo Pacheco (2008), os jagunços buscam estabelecer o bem por meio de uma ética interna, em que a violência adquire um caráter ordenador, enquanto o homem de fora do cangaço pretende acabar com o jaguncismo.

Como parte da ética interna deles, há o julgamento, “tribunal jagunço”, onde cada integrante do grupo pode participar argumentando, acusando, defendendo e/ou dando seu voto a favor ou contra o réu. Por mais que na obra de Rosa (2021), Riobaldo exponha que esse tribunal não era frequente entre eles, muitos do grupo optavam por punir o réu com a morte, sem julgamento público e longo, “não sabiam pensar com poder, por isso matavam” (Rosa, 2021, p. 308). Entretanto, é importante ressaltar que o jaguncismo ocorreu no final da Primeira República, período caracterizado pelos conchavos entre poder público e o mando dos coronéis. Nesse momento, os jagunços eram autônomos com relação ao poderio dos fazendeiros e detinham uma violência “gratuita”.

Os jagunços acreditavam que estavam reordenando o mundo, tirando de quem tem muito, e redistribuindo a quem pouco tem. Daí aspas de “gratuita”, porque destinavam sua violência silenciosa a cada fazenda que atravessavam e seus donos abriam as portas e as despensas sabendo que havia poder de fogo por trás da educação em pedir abrigo. Assim não se contrariava um grupo de jagunços, seja pelo poderio armado, seja pela intensa lealdade que possuíam entre si, além do orgulho em pertencer ao grupo, como o próprio Riobaldo fala de si mesmo: “eu Riobaldo, jagunço, homem de matar e morrer com a minha valentia.

Riobaldo, homem, eu, sem pai, nem mãe, sem apego nenhum, sem pertencências” (Rosa, 2021, p. 183).

Nesse modo de agir no mundo, os jagunços julgavam a si próprios como mercedores dos mantimentos, armamentos e animais que viessem a possuir. De natureza semelhante, viam-se bondosos ao doar esse mesmo recurso adquirido sob forma de coação ou venda, como no trecho onde Zé Bebelo elogia a si mesmo ao jogar um pedaço de rapadura a uma criança no meio da estrada, caracterizando isso como um modelo a ser seguido: “o que imponho é se educar e socorrer as infâncias desse sertão” (Rosa, 2021, p. 352). Mesmo que isso tenha acontecido em meio a muitos jagunços, ninguém apresenta indignação com o modo que o menino é tratado, pelo contrário, parecem admirar Zé Bebelo pelo ato.

O comportamento desses homens “livres” é tal qual o meio físico descrito no romance, bruto e hostil. É como se o homem fosse influenciado pelo meio ambiente – em um determinismo geográfico característico de outras obras ficcionais também do sertão do nordeste brasileiro, como *Os sertões*, de Euclides da Cunha (2003) – tornando aspectos do ambiente também parte do indivíduo, em essência. Em outras palavras, é preciso ter características semelhantes ao ambiente para sobreviver a ele. Dessa maneira, quando os jagunços fazem cumprir a lei (a deles, não necessariamente a da legislação brasileira), eles só o fazem porque a tem como correta. Oriundo disso surgem as guerras entre grupos, as lutas de poder, o estabelecimento das hierarquias, na qual, as mulheres não são valorizadas, uma vez que essa sociedade vive sob um ideal patriarcal.

Sob a perspectiva essencialista, a qual postula que as identidades e comportamentos dão-se a partir de atributos inatos e naturais dos corpos, as mulheres seriam, por natureza, subordinadas e dominadas pelos homens. Contudo, as relações entre homens e mulheres podem ser pensadas também por meio da perspectiva histórica e material, a qual permite pensar as práticas sociais como processos mutáveis, dinâmicos, não determinista (Araújo, 2000). Nessa via de pensamento, as interações entre sujeitos sociais sexuados visam às reproduções sociais e da espécie, dando origem às instituições/famílias. Assim, as relações sociais são construídas, reproduzidas e podem ser transformadas.

O lugar social das mulheres não está, então, atrelado à natureza feminina inata, ela não precisa depender economicamente do homem no mundo contemporâneo, embora, tenha sido entendido dessa forma outrora. Nessa perspectiva, Bell Hooks (2021, p. 145) acrescenta que “o poder que homens usam para dominar mulheres, não é apenas privilégio de homens brancos das classes alta e média, mas de todos os homens em nossa sociedade, independentemente de classe ou raça.” Dito isso, a primeira forma de opressão que se originava pela divisão de trabalho, isto é, pelas contingências materiais, cai na pós-modernidade.

O entrelaçamento financeiro, dos papéis de gênero, bem como do trabalho, conforme Araújo (2000), desencadeará em uma família moderna, que para a autora é uma expressão da “derrota histórica” das mulheres, porque foi uma ideia construída e mediada pelas relações predominantemente socioeconômicas ao longo de um tempo. A saber, o trabalho doméstico que, realizado pelas mulheres, era tido obrigatoriamente como trabalho privado, não remunerado. Pode-se afirmar destarte que, a opressão da mulher, historicamente, tem associação com a economia capitalista.

Os estudos de gênero ganharam força ao trazer luz aos papéis impostos ao lugar feminino, incorporando a essas análises dimensões subjetivas e simbólicas de poder, às questões materiais e biológicas dos indivíduos. Em detrimento desses estudos e avanços teóricos, o essencialismo biológico e a visão sob perspectiva da dimensão econômica passa a ser evitada e, procura-se compreender a permanência de relações de opressão entre homens e mulheres, nos contextos atuais, onde a economia e a política não permanecem as mesmas.

Partindo do pressuposto que o gênero é relacional, ele só pode existir em relação ao outro. Essa constatação em si permite considerar que tanto a dominação quanto a emancipação envolvem relações com conflitos e/ou poder entre homens e mulheres. Pode-se inferir também que a sociedade tem identificado e atribuído lugares e/ou papéis ao masculino e ao feminino a partir desse processo relacional. O gênero passa a ser, portanto, um modelo próprio de análise das relações de dominação/subordinação, focando na construção dos significados e símbolos das identidades masculina e feminina. Contudo, não

se pode desconsiderar os possíveis impactos que as relações de classe ou de raça podem vir a ter sobre a situação da mulher.

Partindo desse contexto, questiona-se: o que pode ou não um homem ou uma mulher fazer/realizar? Mediante disso, a proposta deste estudo é refletir sobre os papéis de gênero feminino e os estereótipos a ele associados a partir das personagens Riobaldo e Diadorim do romance Grande sertão: veredas (Rosa, 2021), sob o viés psicanalítico.

1 Ser homem e ser jagunço

Jagunço é homem já meio desistido por si...
(Rosa, 2021, p. 51)

Em Grande sertão: veredas (2021), a narrativa acontece por meio de um monólogo, onde Riobaldo, ao conversar com alguém que está de passagem em sua casa, expõe suas preocupações sobre a existência ou não do Diabo. E em uma associação livre (Freud, 1997), Riobaldo apresenta suas ideias, no que acredita ser a verdade – da existência do Diabo – e lembrando do passado, ligando ideias, parece chegar facilmente na figura de Diadorim, que no início da narração ainda se chama Reinaldo. Entretanto, a ideia de já expor seus sentimentos por Reinaldo o atormenta e diz ao seu ouvinte que essa história contará mais adiante, podendo revelar ao leitor que esse pode ser um entrelaçamento íntimo.

Por Riobaldo, no tempo presente da narrativa, ser casado com Otacília, o companheiro visitante pode, segundo pressupostos do próprio Riobaldo, não entender o que aconteceu. Portanto, desde as primeiras páginas do romance, já se pode inserir que o personagem principal da obra está elaborando o que aconteceu e se repreende quando perde a lógica da narrativa ao se deixar levar pela forte emoção que a lembrança lhe causa, como é possível perceber no seguinte trecho: “Com meu amigo Diadorim me abraçava, sentimento meu ia-voava reto para ele... Ai, arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma” (Rosa, 2021, p. 25).

Por mais que algumas palavras de carinho fossem pronunciadas, ele em seguida repreende a si mesmo ou em outros momentos é como se estivesse pensando consigo mesmo.

O estranhamento de si, frequentemente entrelaçado ao de Diadorim, pode ser justificado por no cangaço só ser autorizada a presença de homens para o trabalho, então automaticamente Reinaldo, além da confirmação do nome masculino, só pode ser um homem. Ou seja, a relação íntima apontada já nas primeiras páginas é homoafetiva, o que seria impensável em um grupo de orgulhos homens heterossexuais, que exprimem constantemente sua masculinidade por meio da força e da luta física, bem como as muitas faces da misoginia, do machismo, além das violências sexuais e de gênero.

Há muitos acontecimentos narrados por Riobaldo que revelam a certeza da superioridade masculina ou o menosprezo diante da mulher e conseqüentemente de seu corpo. A repetição constante dessa violência não é exclusividade da realidade brasileira, tão pouco do sertão do nordeste, é possível perceber que a imagem feminina é menosprezada em variadas culturas e países. Bell Hooks (2021, p. 172) constrói sua luta antirracista e feminista nos Estados Unidos e chega à conclusão de que o “sexismo alimenta, justifica e apoia a violência do homem contra a mulher, assim como incentiva a violência entre homens. Na sociedade patriarcal, homens são incentivados a canalizar agressões frustradas contra as pessoas sem poder – mulheres e crianças.”

Riobaldo narra dois abusos sexuais que praticou. A primeira mostrou-se, com o que pode, sua recusa às investidas sexuais: “Tanto gritava, que xingava, tanto me mordida, e as unhas tinha. Ao cabo, que pude, a moça – fechados os olhos – não bulia; não fosse o coração dela rebater no meu peito, eu entrevia medo” (Rosa, 2021, p. 157). Contudo, mesmo assim, Riobaldo expressa desejo de prolongar o encontro com a moça, como se não houvesse existido estupro, como se o que aconteceu fosse uma relação sexual consentida. “Pudesse, levava essa moça comigo, fiel” (Rosa, 2021, p. 157).

Na história do judaísmo, as leis do estupro tratavam a mulher como um objeto, de modo que a “pessoa indenizada não é a vítima, mas o pai ou o marido” (Knibiehler, 2016, p. 61), podendo o crime ser resolvido com o casamento. Esse comportamento histórico, apontado pela autora, é muito semelhante com a reação de Riobaldo depois do abuso sexual cometido, já que o nordeste brasileiro tem uma cultura religiosa católica intensa, podendo reproduzir tais atos ao longo dos séculos.

Outro fator marcante, e que pode confirmar essa possível influência histórica, é que essas revelações são pronunciadas por Riobaldo sem qualquer medo de punição, são relatos que ele escolheu expor, como por um ato de livre vontade. Segue-se então ao segundo estupro, sendo esse o que o incomodou, pois, “a mocinha me aguentava era num rezar”. Maria Rita Kehl (1996, p. 68), uma psicanalista, manifesta que o medo que o homem sente é de não ser suficiente, “o medo da mulher que deseja – a grande devoradora – e que pode também não desejar, desejar outro, ou desejar mais do que ele é capaz de dar.”

Não há preocupação com a mulher, seja quem quer que ela seja. O que confirma que a cultura do estupro não é nomeada assim de forma leviana, pois o quanto a violência contra o corpo da mulher é descrita em romances tão famosos e premiados quando *Grande sertão: veredas*, parecem ser comuns ou até normais. A voz da mulher é anulada, juntamente com seu corpo e seus desejos. Essa perspectiva é confirmada pela psicanalista Maria Homem (2019, p. 20), quando apresenta em seu livro que a posição feminina sofreu, ao longo da história, repressão sobre o corpo que possui, revelando assim que “o que é odiado na mulher é o sexo, é o desejo sexual feminino. Esse é o grande objeto de ódio.” Não é de assustar que Diadorim escolheu vestir-se de homem. Era o meio mais seguro de sobreviver entre os mais de “quinhentos homens” (Rosa, 2021, p. 243), que era o número de jagunços no evento do julgamento de Hermógenes.

Haraway (1995) faz uma reflexão sobre a objetividade corporificada, apoiando-se no sistema sensorial, a visão. De acordo com a autora, os olhos têm sido utilizados perversamente, porque tem objetificado especificamente alguns corpos, os femininos. A saber, a “corporificação é prótese significante; a objetividade não pode ter a ver com a visão fixa quando o tema de que trata é a história do mundo” (Haraway, 1995, p. 29). Ou seja, quando a história do mundo é narrada por homens, tem-se uma visão parcial. Como a maioria dos escritos preservados e valorizados são as masculinas, o corpo feminino é objetificado de várias maneiras, além de violentado e restringido, por exemplo, à reprodução e ao prazer desse mesmo indivíduo.

Mas isso pode ser mudado a partir de uma escrita feminista do corpo, porque as mulheres precisam encontrar um caminho de como vincular o objetivo aos instrumentos

teóricos e políticos, de modo a nomear onde se está e onde não se está. O significado do corpo feminino – bem como de seus desejos e aspirações – não pode ser dado única e exclusivamente pelos homens. Isto é, as mulheres podem desconstruir e contestar os sistemas de conhecimento e maneiras de ver. “Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro” (Haraway, 1995, p. 16). Um futuro de vida, que em muitos casos, já é mais do que muitas mulheres obtiveram.

Diante das tão escassas possibilidades de vida, Yvonne Knibiehler (2016) apresenta que muitas mulheres escolhiam ser freiras, não por amor à igreja e/ou à doutrina Católica Apostólica Romana, mas por ser o único meio de não serem obrigadas a casar, ter filhos e poderem estudar livremente, viajar, andar em alguma segurança na rua. Em outras palavras, de serem livres, na medida que o sistema social lhes permitia, o que muitas julgavam ser mais do que uma mulher comum casada poderia fazer. E mesmo diante de tantos rituais para seguir uma vida dedicada a esse sistema religioso, as roupas, bem como o isolamento eram obrigatórios, para restringir também esse corpo, que não deixava de ser o corpo de uma mulher. Desse modo, “o claustro e o véu apagam a feminilidade, como que para lembrar que as filhas de Eva continuam a ser responsáveis, se não culpadas, pelas tentações que inspiram” (Knibiehler, 2016, p. 123).

A exemplo de mulheres que apostaram sua vida, tem-se Joana d’Arc (Knibiehler, 2016), que mesmo depois de ser duramente posta à prova, seja em guerras, seja para provar sua virgindade, não teve destino semelhante ao de Diadorim, pois ao escolher vestir-se de homem, mesmo que na prisão, foi condenada à morte por isso. Diferentemente de Joana D’Arc, Diadorim parecia saber o perigo que a cercava, tendo muito cuidado ao tomar banho, por exemplo: “só, por acostumação, ele tomava banho era sozinho no escuro, me disse, no sinal da madrugada” (Rosa, 2021, p. 133).

2 Psicanálise, gênero e sexualidade

A gente sabe mais, de um homem, é o que ele esconde.
(Rosa, 2021, p. 300)

Três ensaios sobre a teoria da sexualidade foi uma das contribuições significativas e originais realizadas por Freud (1996). Inicialmente as reflexões expostas em seus estudos partiam de observações clínicas sobre a importância dos fatores sexuais na causa das neuroses, somente depois o autor fez uma investigação geral sobre a sexualidade. Ao longo das pesquisas, as moções sexuais mostraram-se atuantes desde a mais tenra idade, na primeira infância, sem qualquer estímulo externo. Essas pulsões sexuais, nomeadas de libido, seriam exteriorizadas nas manifestações de atração irresistível, no qual o objeto seria o alvo sexual da ação para a qual a pulsão se moveria.

Em outras palavras, o objeto se tornaria objeto sexual, pois é investido de energia (tanto por quem cuida quanto pela criança), que se nomeou de libido. Freud (1996) expõe o chuchar como primeiro evento no qual a criança torna o seio tanto fonte de alimento quanto de prazer. Não que o seio seja objeto sexual em si, mas por ser de fundamental importância para a sobrevivência, o leite e o abraçar envolvem a criança em um aconchego pelo qual ficará marcada. Liga-se, por conseguinte, corpo com o sujeito que o possui, o que se chamou de mãe.

A ligação com o primeiro objeto de amor é de suma importância, visto que Freud (1996) vai apresentar casos clínicos que confirmam a tentativa de reviver essa primeira satisfação: seja de forma corporal seja amorosa. Buscar o olhar de quem o alimenta e cuida é perceptível nos bebês, bem como associações com cheiro e outras características que se fixam no sujeito, mas só posteriormente lembradas e/ou revividas inconscientemente. A tentativa de reprodução dessa sensação será buscada de inúmeras maneiras, por isso a importância das primeiras relações e suas condições. É possível perceber essa repetição pelas palavras de Riobaldo, ao expor que a “doçura do olhar dele me transformou para os olhos de velhice da minha mãe. Então eu vi as cores do mundo” (Rosa, 2021, p. 136).

Dele, de Diadorim. Quanto mais inicial, em termos cronológicos, é a marca que no sujeito, mais inconsciente podemos supor, já que nos primeiros anos de vida o indivíduo não possui um corpo maduro o suficiente para gravar informações possíveis de serem acessadas conscientemente. O que não exclui sua presença na repetição de vida comportamental, como na fala de Riobaldo, onde as cores do mundo só se revelaram pela sua mãe, depois por Diadorim. O que é confundido, ao primeiro contato com a Psicanálise, é que o termo sexual não é sinônimo de genital, como o será muitos anos depois. Trata-se nesse momento de uma energia que percorre o corpo, dando ao infante alguma consciência de vida.

Surge, então, a teoria de que o objeto sexual de cada indivíduo não é definido pelo órgão sexual que possui ao nascer. Não haveria, portanto, uma simplicidade cartesiana para a aproximação dos corpos. Pelo contrário, havia indícios em seus estudos, apontando que as conexões entre os indivíduos dar-se-iam de formas complexas. Ou seja, cada indivíduo interpreta sua história com a própria libido e seu primeiro objeto de maneira única. Isto é, a relação heterossexual não obedece ao corpo, por isso há homens cujo objeto sexual não é a mulher e vice-versa. Freud (1996) chamou, naquela época, essas pessoas de “invertidas” e o fato de inversão.

A partir dos anos 80 do século XX houve um aumento significativo nas pesquisas e no interesse acadêmico de disciplinas como a Antropologia social e cultural em relação à sexualidade. Conforme Parker (2022), há muitas razões para isso, dentre elas: as mudanças sociais; a influência de movimentos políticos (feministas, gays, lésbicos); o impacto da AIDS; e a preocupação com as questões reprodutivas e sexuais. Com base nesses estudos, surge a teoria da construção social, a qual sustenta o argumento de que a sexualidade – que pode se referir a vários temas como preliminares sexuais, masculinidade e feminilidade, orgasmos, relações sexuais e fantasias eróticas – é construída de forma diferente por meio das culturas e do tempo.

Dentre as tantas influências citadas, pode-se inferir que o feminismo foi o primeiro movimento crescente que mais contribuiu com a teoria da construção social. A teoria feminista, por exemplo, contesta o determinismo biológico implícito nos constructos ocidentais da sexualidade e das diferenças de sexo. Dito isto, há uma variedade de papéis

exercidos pelas mulheres colocando por terra a ideia de um papel universal de gênero e de uma sexualidade feminina uniforme. Aliado a isso, as mulheres também têm lutado por seus direitos reprodutivos, inclusive sobre ter direito ao aborto.

Diante de tal contexto histórico, as mudanças observadas nos comportamentos das relações afetivas e/ou eróticas têm contribuído para um redirecionamento na compreensão sobre a sexualidade. Portanto, o foco tem convergido para a natureza subjetiva dos significados sexuais. Dessa maneira, o comportamento sexual não é fruto do acaso, faz-se intencional, o que não diminui a complexidade das relações e interações entre os indivíduos. Assim,

[...] nenhuma relação causal direta podia ser pressuposta, necessariamente, entre o desejo sexual, o comportamento sexual e a identidade sexual, e que formas pelas quais as identidades sexuais são construídas em diferentes espaços dependem, em grande parte, das categorias e das classificações sexuais disponíveis nas diferentes culturas sexuais (Parker, 2022, p. 169).

Outrossim, os relacionamentos amorosos-sexuais têm sido construídos por meio do processo de socialização que os indivíduos aprendem sobre os desejos, papéis de gênero, práticas sexuais típicas do grupo onde está inserido. Não podemos afirmar qual teria sido o processo simbólico de subjetivação de Diadorim, nem tão pouco quais motivos a levaram a optar por viver como homem/jagunço, vestindo-se e se comportando como tal. Contudo, ela exercia esse papel como qualquer outro homem dentro do grupo, longe de qualquer suspeita; sendo, em muitos casos, mais valente e agressiva que muitos outros jagunços. Afinal, o que significa ser considerado macho ou fêmea, ter características masculinas ou femininas, ser homem ou mulher no contexto do cangaço?

Riobaldo tinha consciência de que seus sentimentos eram destinados a um homem, outro jagunço, o que não impediu de se sentir compelido a estar junto, narrando que tinha “vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu esparecia, aí riço comigo renegava” (Rosa, 2021, p. 135). Riobaldo admitia e em seguida tentava negar seus sentimentos, podendo-se interpretar que isso se dava justamente por se estar em uma cultura onde somente se permitia praticar relações amorosas/sexuais heterossexuais. E como já foi

exposto no tópico anterior, Riobaldo tanto fazia parte desse contexto como o reforçava, em relações sexuais não consentidas, além das mulheres pagas para o sexo, que eram descritas como em um comportamento sentimental amoroso genuíno.

Os sentimentos alimentados por Diadorim parecem ser a primeira relação na qual a violência física ou de gênero não está presente, havendo assim uma admiração de vida. Não se pode afirmar que é pelo fato de, para Riobaldo, ser uma relação entre dois jagunços, mas é interessante de se observar que o respeito aparece justamente com uma pessoa, sua igual. Entretanto, mesmo diante de um cuidado para com Diadorim, Riobaldo contesta a si mesmo.

2.1 Riobaldo, Reinaldo e Diadorim

Quem desconfia, fica sábio.
(Rosa, 2021, p. 127)

Ao adotar o nome Reinaldo, Diadorim tem liberdade como a de qualquer outro homem, as quais não teria, evidentemente, como uma mulher em um sistema social orientado pelo patriarcado. Assim, Reinaldo pode ir e vir sem sofrer assédio dos demais homens presentes no cangaço. Assédio esse que o Riobaldo já havia praticado, como já exposto anteriormente, mas ressalta-se nesse momento que a visão sobre a mulher é mais profunda que a prática de uma violência física ou sexual: é um modo de perceber o que a mulher é ou pode ser.

Um exemplo desse modo de pensar arraigado profundamente é a observação que Riobaldo faz de Diadorim, quando se percebe que Diadorim não vai às casas de prostituição como todos os demais: “Diadorim não se fornecia com mulher nenhuma, sempre sério, só se em sonhos. Dele eu ainda mais gostava” (Rosa, 2021, p. 272). Por mais que se tenha ao final da fala uma expressão de sentimentos de Riobaldo a Diadorim, destaca-se dois pontos importantes. Primeiro, mesmo que haja algum sentimento amoroso de Riobaldo, nada o impede de pagar pelo sexo com as cortesãs, e assim o faz, levando-nos a uma possível interpretação: que para ele, o corpo não segue a mesma predileção que os sentimentos.

Segundo, marca-se o verbo “fornecer”. Riobaldo tem as mulheres como objeto para um fim, ao utilizar o verbo para um objeto, desconsiderando que ali há uma pessoa com vontades e desejos. Portanto, ao emitir a palavra “fornecia”, o protagonista já estabelece como é sua relação com as mulheres, colocando-as como inferiores, sendo úteis somente para tal ato. Diante desse cenário, pode-se observar também que os sentimentos de Riobaldo para Diadorim podem ser muito profundos, já que se destina a um seu igual, a outro homem, já que se fosse a uma mulher, a relação dar-se-ia de outra maneira.

O patriarcado corrobora fortemente com esse modo de pensar e de agir, pois coloca-se a figura masculina acima de qualquer suspeita, além de dar margem a toda atitude antiética realizada pelo homem. Por consequência, qualquer semelhança que o homem obtiver em direção ao papel estabelecido como feminino é uma grave ofensa. Em outras palavras, ser comparado com uma mulher é, até os dias atuais, a pior ofensa que pode ser pronunciada. Por isso, “a maioria dos homens em uma sociedade patriarcal teme mulheres que não assumem os tradicionais papéis passivos e se ofende com elas” (Hooks, 2021, p. 134), pois se elas tomam posse de atitudes “masculinas”, o inverso também pode acontecer.

Esse modelo de ser homem e ser mulher, de ser masculino e feminino é muito prejudicial à sociedade, pois não dá margem à subjetividade de cada indivíduo. O que pode promover, por consequência o sexismo, ao valorizar veementemente o gênero masculino heterossexual em detrimentos de todas as demais possibilidades, que se tem ciência atualmente como LGBTQIAPN+. Bell Hooks (2021, p. 172) expõe que a discriminação baseada no gênero feminino “justifica e apoia a violência do homem contra a mulher, assim como incentiva a violência entre homens. Na sociedade patriarcal, homens são incentivados a canalizar agressões frustradas contra as pessoas sem poder – mulheres e crianças.”

Por mais que Diadorim soubesse que ela era uma mulher, escolheu não revelar para Riobaldo e permanecer em sua busca por vingança e, porque não, escolheu conjuntamente sua segurança física e liberdade enquanto sujeito de querer e vontades, como todos os sujeitos deveriam possuir. É como se, posto em uma balança, ser mulher em um lugar e sociedade como a descrita, acarretasse mais prejuízo que ganhos. Infelizmente, concordamos com Diadorim, a luta para ser mulher e sujeito é constante e parece que crescente. “Há uma

grande verdade no ditado de que é preciso batalhar de novo pela liberdade a cada vinte anos. Às vezes, a impressão é a de que é preciso lutar por ela a cada cinco minutos.” (Estés, 2018, p. 278).

Ser uma pessoa perpassa por possuir um corpo com sexualidade e erotismo, mas ser uma pessoa também é pensar, morar, trabalhar, dormir, ler. Existir atravessa inúmeros assuntos e possibilidades de existir no mundo. Diadorim não negou sua sexualidade ao ser Reinaldo, ela continuava sendo a mesma pessoa que via beleza nas árvores, nos rios, nos pássaros, continuou a, como comportamento feminino, aceitar comportamentos machistas e misóginos de Riobaldo, sem reclamar. Contudo, nesta versão de si, vestindo-se com roupas masculinas, pode ser ouvida, obedecida, respeitada, podendo estabelecer lutas físicas, matando e colocando-se como sujeito de sentimentos como raiva, ódio e ressentimento, demonstrando-o abertamente sem medo de ser punida por isso.

Conclusão

Diadorim escolhia era o ódio.
(Rosa, 2021, p. 334)

105

As histórias contadas por Riobaldo parecem perder o encanto quando este revela o dia de embate, no qual, Diadorim tem, enfim, seu triunfo. Ele parecia pressentir que seria o último momento que teria uma troca com Diadorim e se recusa a seguir outro caminho e contesta expondo que “sempre queria ver Diadorim. O querer-bem da gente se despedindo feito um riso e soluço, nesse meio de vida” (Rosa, 2021, p. 515). Riobaldo teve a oportunidade de vislumbrar o momento que Diadorim conseguia dar cabo do objeto de sua vingança. Contudo, embora tenha conseguido alcançar seu objetivo, o ato emitido voltou a si mesma, também deixou de viver. Afora esse momento de tragédia para Riobaldo, ele ainda se deparou com o fato de ter uma revelação. Diadorim era mulher.

A morte de Diadorim coincide com o fim das histórias de aventuras narradas por Riobaldo. O tempo se torna presente e a vida parece ter perdido a adrenalina que ele vivia com intensidade. Não encontramos traços que nos levassem a pensar que, em algum

momento, ele havia se arrependido, por não ter cedido aos desejos de ter algo mais com Diadorim. Se a censura que fazia era fruto de um preconceito em relação ao amor entre iguais, neste caso, homem gostar de homem num sentido romântico-sexual, entendemos que Riobaldo talvez pudesse lamentar as oportunidades que houvera perdido ao longo do tempo. Entretanto, ele apenas relata ter tido ciência do nome verdadeiro do seu amigo jagunço, antes Reinaldo, depois Diadorim para, por fim, Maria Deodorina. Afinal, Riobaldo teria se apaixonado pelo “Homem” que Diadorim representava? Ou seus devaneios de revisitar o passado eram a forma de estar com aquela que não teve coragem, Maria Deodorina, Diadorim?

A pergunta fica no ar, talvez sem uma resposta evidente. Acrescenta-se também que não é possível afirmar desde quando Diadorim traja-se com roupas e “comportamentos masculinos”. Não se sabe se isso ocorreu por risco de vida, por exemplo, mas é possível indicar que o tempo repetindo esses padrões, de modo a torná-lo natural a todos a sua volta, pode nos revelar que algo desse comportamento poderia lhe ser confortável. Expondo de outra maneira, não se sabe se *Grande sertão: veredas* é um romance com um personagem trans ou travesti, contudo, em quase toda a totalidade do enredo o leitor vê Reinaldo e Diadorim como homem, sabendo-se de seu corpo nas últimas páginas.

De modo semelhante é possível construir a análise de Riobaldo, pois desde o primeiro encontro com Diadorim, mesmo não sabendo seu nome, anos antes, Riobaldo já expunha interesse e atenção diferenciada a ele, colocando-se como um homem que já observava outro homem de modo mais consciente de seus desejos, mesmo sem os admitir em voz alta ou para outra pessoa. Ou seja, sua homoafetividade já se fazia presente há alguns anos. “Mas eu olhava pra esse menino, com prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido. Achava que ele era muito diferente, gostei daquelas finas feições” (Rosa, 2021, p. 96).

Dito isso, podemos levantar mais de uma hipótese para o romance. Assim, as personagens de *Grande sertão: veredas* nos oportunizou pensar maneiras possíveis de ser mulher, já em épocas onde o roteiro para esse gênero parecia ser único e voltado para os afazeres domésticos. Associada a essa possibilidade de ser, há também outras maneiras de

se concretizar o amor – seja entre indivíduos do mesmo gênero ou não – ainda que as personagens tenham optado por viver a relação de forma platônica, isto é, sem concretização ou conclusão de seus desejos, pode-se dizer que houve sentimentos e reciprocidade da forma que se permitiam viver.

Referências

- ARAÚJO, C. Marxismo, feminismo e o enfoque de gênero. *Crítica marxista*, v.11, 2000. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie28Dossie%201.pdf. Acesso em: 3 de abr. de 2024.
- CUNHA, E. da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ESTÉS, C. P. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- FREUD, S. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997.
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu* (5), pp. 07-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em 10 de março de 2024.
- HOMEM, M.; CALLIGARIS, C. *Coisa de menina? Conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo*. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2019.
- HOOKS, B. *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. Tradução Bhuvi Libanio. 9 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.
- KEHL, M. R. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago ed., 1996.
- KNIBIEHLER, Y. *História da virgindade*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2016.
- PACHECO, A. P. Jagunços e homens livres pobres: o lugar do mito no Grande sertão. *Novos Estudos*. CEBRAP (81). Jul. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002008000200013>. Acesso em: 30 de abr. de 2024.
- PARKER, R. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Organização Guacira Lopes Louro; tradução Tomaz Tadeu da Silva. 4 ed.; 4 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- ROSA, G. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.